

SUBJETIVIDADE E VERDADE A PARTIR DO ACONTECIMENTO DISCURSIVO DO AMOR DE ISMENODORA

SUBJECTIVITY AND TRUTH FROM THE DISCURSIVE EVENT OF ISMENODORA'S LOVE

Denise WITZEL¹

RESUMO

Ismenodora é uma das poucas mulheres que ganha destaque no curso *Subjetividade e Verdade*, quando na aula do dia 4 de março de 1981, Michel Foucault dá continuidade a seu percurso analítico sobre os regimes de existência e as artes de viver dos dois primeiros séculos de nossa era. Sua preocupação mira, fundamentalmente, o problema da ética sexual na Antiguidade greco-romana às vésperas da difusão do cristianismo e toma o texto de Plutarco – *Erotikós* (Diálogos do amor) como um norte, em momentos precisos, para dar visibilidade às relações - e às preferências - que se devem estabelecer entre o amor e o prazer. Na ênfase dada ao amor pelas mulheres, Ismenodora é analisada por Foucault como sendo uma mulher pederasta por possuir, dentre outras virtudes, a experiência de mulher mais velha (30 anos), apaixonada por um rapaz mais novo (18 anos). Partimos de sua emergência no texto de Plutarco, protagonizando uma situação cômica, articulada às reflexões de Foucault, para pensar nas atualidades dos sistemas de obrigações próprios do discurso verdadeiro presentes na rede de poder-saber que enredaram e subjetivaram Ismenodora no passado e que enredam e subjetivam um sem número de mulheres alvo do etarismo no presente.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso, Diálogos do amor, corpo, etarismo

¹ Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado) da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Líder do GP Laboratório de Estudos do Discurso (LEDUNI/CNPQ). <https://orcid.org/0000-0002-4685-7574>. E-mail: denise@unicentro.br



ABSTRACT

Ismenodora is one of the few women who gains prominence in the course Subjectivity and Truth, when in the class of March 4, 1981, Michel Foucault continues his analytical journey on the regimes of existence and the arts of living of the first two centuries of our era. His concern aims, fundamentally, at the problem of sexual ethics in Greco-Roman antiquity on the eve of the spread of Christianity and takes Plutarch's text - *Erotikós* (Dialogues on Love) as a guide, at precise moments, to give visibility to the relations - and preferences - that must be established between love and pleasure. In the emphasis on love for women, Ismenodora is analyzed by Foucault as a pederast woman for possessing, among other virtues, the experience of an older woman (30 years old) in love with a younger boy (18 years old). We began with her emergence in Plutarch's text as the protagonist of a comic situation, articulated with Foucault's reflections, to think about the actualities of the systems of obligations typical of true discourse present in the power-knowledge system that entangled and subjectivated Ismenodora in the past and that entangle and subjectivate a countless number of women targeted by ageism in the present.

KEYWORDS

Discourse, Dialogues on love, body, ageism.

*O problema é: de onde vem que
a verdade seja tão pouco verdadeira?
(VEYNE, 1986, p. 940, nota.)*

INTRODUÇÃO

Para tratar da complexa relação entre subjetividade e verdade, nos cursos que ministrou no *Collège de France*, notadamente o de 1981, Michel Foucault não procurava a existência da verdade seguindo as trilhas das tradicionais reflexões de Platão, Kant, incluindo Descartes. As questões levantadas por esses filósofos a propósito da articulação entre subjetividade e verdade eram: “como e em quais condições posso conhecer a a verdade? Como o conhecimento enquanto experiência própria de um sujeito cognoscente possível? De que modo aquele que faz essa



experiência pode reconhecer que se trata realmente de conhecimentos verdadeiros?”(FOUCAULT, 2016, p. 11)

As questões de Michel Foucault são outras, formuladas e discutidas pelo viés arqueogenealógico, portanto histórico. Ele parte do princípio de quem nossa civilização, numa sociedade como a nossa, coexistem discursos que, institucionalmente ou por consenso, são reconhecidos como verdadeiros e, para problematizar tal reconhecimento, Foucault (2016.p.12) se pergunta, dentre outras questões:

- i. tendo em vista o que são esses discursos, em seu conteúdo e em sua forma, tendo em vista o que são os vínculos de obrigação que nos ligam a esses discursos de verdade, qual experiência fazemos de nós mesmos, a partir do momento em que esses discursos existem?
- ii. Em que a experiência que temos de nós mesmos se vê formada ou transformada pelo fato de haver, em algum lugar de nossa sociedade, discursos que são considerados verdadeiros, que circulam como verdadeiros e que são impostos como verdadeiros a partir de nós mesmos enquanto sujeitos?

Dito de outro modo, em qualquer cultura circulam discursos e práticas acerca do sujeito que independem de seus valores de verdade; são aceitas muitas vezes como verdades inquestionáveis e inquebrantáveis reclamando, para analistas do discurso, gestos de interpretação sobre os efeitos de sentido e de subjetivação de discursos que pretendem dizer uma verdade sobre o sujeito.

Em meio aos múltiplos e desafiadores caminhos possíveis para se analisarem os discursos tendo em conta fundamentalmente a relação que o sujeito tem a respeito de si mesmo face à existência e circulação de certos discursos verdadeiros sobre ele, temos mirado, no horizonte conceitual dos



domínios genealógicos foucaultianos – saber, poder e moral - o corpo da mulher tomado como objeto do discurso. Sobre esse corpo, historicamente, incidiram-se certos códigos e um vasto conjunto de práticas que, embora muito antigos, ainda nos são contemporâneas.

Dentre esses códigos e práticas, temos chamado a atenção, em outros trabalhos (WITZEL, 2014), para as seguintes verdades compreendidas como produções históricas, uma vez que não são absolutas, universais, tampouco definitivas. São elas: a emergência da noção de sexo único, sendo o corpo da mulher uma mera inversão (sempre imperfeita) do corpo do homem, por isso ela foi desde os primórdios considerada hierarquicamente menos importante, menos inteligente, mais submissa, mais dependente; a naturalização das diferenças entre homens e mulheres e, conseqüentemente, a definição assimétrica dos papéis sociais atribuídos a cada um; a sacralização da castidade e da fragilidade de um corpo instável, cíclico, cheio de humores, incontrolável e ameaçador; a maternidade como dispositivo identitário, como um “dato natural”.

Ao percorrer as “aulas” do curso *Subjetividade e Verdade*, concentrando-nos nas relações inseparáveis entre discurso, sujeito e verdade, interessamo-nos pelas explicações em torno das práticas plurais que implicam a existência e o desenvolvimento de discursos verdadeiros sobre o corpo da mulher e os efeitos que esses discursos produzem. Nessa direção, chamou nossa atenção sobretudo o enunciado “mulher pederasta” que ganha relevo na aula do dia 04 de março, instigando-nos a ler o que Foucault leu - o texto de Plutarco *Erotikós* (Diálogos do amor) -, para, neste estudo, apresentarmos os discursos que definem Ismenodora como uma mulher pederasta. É ela a desencadeadora da narrativa de Plutarco e, ao mesmo tempo, a figura feminina emblemática



a partir da qual gravitam as explicações da aula de Foucault acerca da ruptura dos princípios clássicos da ética dos afrodísia e da transferência para o interior do casamento dos benefícios da relação pederástica.

Quem é ela na história de amor da Grécia Antiga, retratada como pederasta por Foucault? Responderemos a essa pergunta seguindo a narrativa clássica e as explicações foucaultianas acerca das relações que o sujeito estabelece consigo a partir de verdades culturalmente atribuídas a ele. Na sequência, valendo-nos de uma história de amor da atualidade, propomo-nos analisar arqueogeneologicamente dois acontecimentos discursivos – uma charge do hebdomadário francês *Charlie Hebdo* e um post do *Facebook* – que ganharam grande repercussão na mídia ao disseminarem discursos sexistas e preconceituosos em relação à diferença de idade do casal Emmanuel e Brigitte Macron, presidente e primeira-dama da França.

No nosso entendimento, os discursos que retornam nesses acontecimentos abrem uma via analítica para pensarmos na atualidade dos sistemas de obrigações próprios do discurso verdadeiro presentes na raiz dos discursos que enredaram a mulher Ismenodora no passado – notadamente pelo fato de ela ser mais velha que seu “amado” – e enredam um sem-número de mulheres no presente.

O QUE ENUNCIA PLUTARCO, SEGUINDO OS PASSOS DE FOUCAULT

Em *Diálogo sobre o amor (Erotikós)*, Plutarco analisa a paixão amorosa segundo os códigos helenísticos tradicionais e deixa evidente a intenção moral de uma narrativa a partir da qual ele apresenta sua teoria do amor, orientada pela proteção de Eros e pelo seu espaço de atuação, o casamento. O diálogo gravita em torno de um acontecimento primordial, tomado como uma situação de comédia: a vontade de Ismenodora (mulher de 30 anos,



viúva e rica) em se casar com Bácon (jovem de 18 anos). Em torno dessa vontade, trava-se uma acalorada discussão entre Antémion e Písias: este é apaixonado por Bácone tem o apoio Protógenes para defender o amor por rapazes; aquele é defensor do amor conjugal é apoiado por Dafneu.

Revisitemos resumidamente *Erotikós*: tudo começa após serem enumeradas por Plutarco as virtudes da mulher – que entende serem as de Ismenodora –, quando chega a cavalo um mensageiro para comunicar ela havia raptado Bácon de modo a poderem se casar. Indignado, Písias vai embora e Antémion é chamado, a pedido da noiva, para encontrá-la. Segue uma longa troca de enunciados que enfatizam os benefícios de Eros, a importância de sua divindade e, de igual valor, a divindade de Afrodite. Alerta-se para os castigos que esse deus atribui àqueles que não o respeitam. No embate entre argumentos contra o amor heterossexual e a favor do amor entre os rapazes, sobressai-se o defeso amor conjugal. Conclui-se que a relação entre homem e mulher, na qual Eros e Afrodite convivam harmoniosamente, constitui o mais autêntico exemplo de união. O último mensageiro anuncia que o casamento de Ismenodora e Bácon estava prestes a acontecer e que até Písias, o antigo e fervoroso oponente, se rendeu às evidências do amor do casal.

Entrelaçam-se no *Diálogo* pelo menos duas situações de comédia destacadas e comentadas por Foucault (2016). A primeira é o fato de o jovem e belo Bácon ser cobiçado simultaneamente por senhores – dentre os quais o apaixonado Písias – e por uma mulher mais velha, Ismenodora, ávida em desposá-lo que parece ter em torno de 30 anos. O rapto “nas barbas do bom [e despeitado] Písias” seguido do anúncio do casamento realçam um impasse, ou seja, Bácon estava na idade de se casar, mas, ao mesmo tempo, na idade



de “perseguir rapazinhos” (FOUCAULT, 2016, p. 160). O que deveriam fazer seus amigos? Salvá-lo ou não da mulher velha, devoradora e impedi-lo de se casar? O cômico dessa situação cede lugar à seriedade se nos concentrarmos na importância da decisão entre os dois amores – amor por homens e amor por mulheres – a ser tomada à luz dos preceitos morais e éticos que orientavam as práticas daquele tempo.

A segunda situação de comédia – e é essa que nos interessa mais precisamente neste trabalho como mostraremos logo mais – é a referência à mulher mais velha. Bácon se sente envergonhado por ser assediado por uma mulher viúva, com cerca de 12 anos a mais que ele, mais rica, cheia de qualidades, muito virtuosa, muito sábia, além de muito experiente, declaradamente apaixonada. Foucault (2016) observa que o estranhamento em relação à diferença de idade reclama certas relativizações, pois era relativamente comum na Grécia antiga casais em que as mulheres eram mais velhas que os rapazes. Isso porque nessa época imperava uma escassez de mulheres em decorrência, não apenas da mortalidade no momento do parto, mas sobretudo porque seu corpo carregava as marcas da exclusão, sendo muitas eliminadas quando nasciam ou abandonadas à própria sorte. Valorizava-se apenas o bebê do sexo masculino considerado apto a se desenvolver até atingir a perfeição na vida cívica; já o bebê do sexo feminino nascia sob o estigma de um corpo saturado de defeito, incompleto e fraco. A eles, o *Ágora* (onde se realizavam as assembleias e reuniões públicas); a elas, o *Gineceu*, aposento destinado às mulheres.

Na edição portuguesa (PLUTARCO, 2009, p. 47), há esta explicação a respeito de uma mulher mais velha que se apaixona por homem mais jovem na Grécia Antiga:



O comum seria que um homem mais velho, com cerca de trinta anos, desposasse uma rapariga ainda adolescente, entre os 15 e os 18 anos de idade. (...) Esta tendência terá evoluído com o tempo, acompanhando a evolução paulatina da situação da mulher. Apenas no teatro e na literatura eróticas são frequentes os exemplos de mulheres mais velhas que se apaixonam por rapazes, precisamente como elemento potenciador de tragédia ou de cômico – portanto, igualmente situações tidas como contra-natura.

No cerne das discussões que provocam risos, em função de ser uma situação contra a natureza, a fala Protógenes descreve detalhadamente por que o sujeito Ismenodora não poderia ser a mulher de Bácon.

se uma **mulher tantos anos mais velha** fôssemos amarrar um homem imaturo, seríamos como quantos [querem à pressa amadurecer] figos [ou feijões]. Está com certeza apaixonada por ele, por Zeus, e arde em desejo! **Quem a impede então de fazer cortejos à sua casa, cantar-lhe uma serenata à porta fechada, coroar de grinaldas os seus retratos ou bater-se com os amantes seus rivais?** Isso sim é próprio de gente apaixonada. Que baixe os olhos e ponha um termo à sua luxúria, adotando uma postura adequada aos seus sentimentos. E **se tem vergonha e é honesta, que se deixe ficar por casa, como deve ser**, à espera dos pretendentes e galanteadores. **À mulher que proclama estar apaixonada qualquer um devia evitá-la e odiá-la, e jamais aceitá-la em casamento, tendo como princípio uma tal intemperança.** (PLUTARCO, 2015, p. 60, grifos nossos)

Lembremo-nos, a partir do que entende Protógenes, junto com Foucault, que a ética – notadamente a noção de estética da existência entendida como modo de sujeição vinculado a regras e valores morais -, foi pensada, escrita e praticada por homens. Mas não qualquer homem, na medida em que eles deveriam ser livres, o que exclui escravos, estrangeiros e, obviamente, mulheres e crianças. Ou seja, tratava-se de uma ética que girava em torno



deles próprios, sendo a liberdade, a atividade e a virtude encerradas no mesmo corpo imbuído de poderes para decidir sobre o destino do outro, no caso aqui o casamento de Bácon e Ismenodora. É nesse mundo que o lugar almejado por Ismenodora nos permite analisá-la como uma mulher cujo corpo “velho” está enredado em trama e poderes que, embora muito apertados, abrem brechas, viabilizam técnicas de transformação da subjetividade feminina, no encaixe de práticas de liberdade. Práticas caras ao sujeito mulher ainda em nossos dias.

Tais brechas podem ser visualizadas tendo em conta a fala de Antémion, em oposição à de Protógenes, na qual emergem vários enunciados enredados em tramas discursivas que valorizam o amor conjugal em detrimento do amor pederástico. Nessa tomada de posição, as verdades sobre ser mulher ancoram-se em outros sistemas de obrigação (verdades).

Se o recém-nascido está submetido às ordens de uma ama, a criança a um professor, o efebo ao ginasiarca, um mancebo ao seu amante, um homem adulto à lei e ao estrategista, se na realidade nada está isento de autoridade nem se auto-determina, **o que há de estranho em que uma mulher de bom senso, mais velha, dirija a vida de um jovem rapaz, para mais se lhe for favorável, posto que é mais prudente, além de doce e agradável, pelo afeto que lhe dedica?** [...] temos que honrar Hércules e não menosprezar a diferença de idade no casamento, cientes de que também ele cedeu a própria esposa, Mégara, que então contava já trinta e três anos, a Lolau, que tinha apenas dezesseis anos. [ela tinha trinta]. (PLUTARCO, 2015, p. 27, grifos nossos)

Mulher cheia de qualidades que leva uma vida comportada, respeitosa, nunca alvo de falatórios ou comentários vexatórios. Essas são as principais características de Ismenodora, a ardente viúva que perseguiu sem comedimento o rapaz, desafiando as práticas e as condutas morais do seu tempo. O amor



que a impulsionou a raptar o amado, sob as barbas do pretendente Písias, nasceu a partir do momento em que a ela foi confiadoo jovem Bácon para que pudesse ajudar na possibilidade de seu casamento. Contudo, ela só ouvia elogios sobre ele e de tanto testemunhar com seus próprios olhos sua beleza e qualidades, ao tempo em muitos amantes o desejavam, ela acaba por amá-lo e a enfrentar as resistências de seu tempo. Um exemplo: mulheres não podiam frequentar os ginásios tampouco acompanhar rapazes na saída; para estar com Bácon, ela o perseguia e o espreitava na saída “possuída por impulso divino, mais forte do que a razão humana” (FOUCAULT, 1985, p. 196). Tudo nela, portanto, designa o amante de rapazes, tudo nela designa o pederasta e enfurece Písias e suas seguidores: “Ó deuses, que limite haverá para a liberdade que confunde nossa cidade? Pois ela já está na ilegalidade (...). Todavia talvez seja ridículo indignar-se com leis e sentenças, pois **a natureza é transgredida quando a mulher está no poder**” (PLUTARCO, 2015, p.28, grifos nossos).

É por conta desse entendimento que, para Foucault, Ismenodora se identifica com um sujeito pederasta em relação a Bácon: “Ela é mulher pederasta, é o pederasta respeitoso e responsável, porém com duas variantes: é mulher e busca o casamento. (FOUCAULT, 2016, p. 162). Em suma, o acontecimento discursivo do amor de Ismenodora, aponta para uma situação paradoxal e escandalosa, haja vista ser uma mulher – uma temível viúva – que quer se casar com um belo e virtuoso jovem. Ela desempenharia o papel do indivíduo ativo, assumindo o lugar do varão na relação amorosa, na medida que é ela que traz a fortuna, riqueza, reputação etc., em condições reais de umainiciadora e pedagoga. Uma pederasta, portanto, que provoca questões em torno da independência com relação às regras de isomorfismo



e de atividade, até então reguladoras da moral dos *afrodisia*. A questão do amor e suas duas formas possíveis – pelos rapazes ou pelas moças – se dissolve nessa possibilidade paradoxal segundo a qual a relação com uma mulher conjuga as mesmas virtualidades éticas que a relação com um homem.

No desenvolvimento do *Diálogo*, ganham cena outras problematizações acerca do casamento propiciando reflexões em torno do amor de natureza, da virtude, da feminilização do homem que ama etc., culminando com a inserção do amor dos homens por mulheres na natureza e o caráter não natural, alheio à natureza, às suas fronteiras, das relações entre homens e rapazes.

nem considero que seja amor o **sentimento que vocês nutrem por mulheres e raparigas, da mesma maneira que as moscas não amam o leite ou as abelhas o mel**, nem tampouco os criadores de gado ou os cozinheiros experimentam sentimentos de amor pelos cordeiros ou por aves que se alimentam às escuras. Na verdade, do mesmo modo que a natureza nos inspira um desejo moderado e suficiente por pão e outros alimentos, ao passo que o excesso cria um desejo por essa alimentação a que dão o nome de glotonaria, também na natureza reside a necessidade de homens e mulheres conseguirem prazer um do outro. (PLUTARCO, 2015, p. 50, grifos nossos)

Fecha-se o diálogo convocando Eros e Afrodite para fazer prevalecer a defesa da grande corrente do amor, completa e única, conforme se manifesta Dafneu no início das discussões ao rebater Písias.

(Dafneu) Se, como diz Protógenes, não há encantos sexuais na relação dos jovens, como existe um Eros sem a presença de Afrodite, ele que foi escolhido pelos deuses para servi-la e prestar-lhe serviços, para que compartilhasse a honra e o poder que ela lhe concede? Se há um Eros sem Afrodite, tal como a embriaguez sem vinho, por suco de figo e preparado de cavada, é uma perturbação imperfeita e infrutífera, também tensa e tediosa.



(Písius)Ó Héracles, por libertinagem e ousadia, concordam certos homens que, como cães, atam-se ao feminino, afastando e banindo o deus dos ginásios, das caminhadas filosóficas em lugar aberto e ensolarado, em conversa franca, para ser acuado em ambientes nocivos, por ferrões de escorpiões, poções e bruxarias de mulheres licenciosas, visto que as sensatas não se importam em amar nem em ser amadas. (PLUTARCO, 2015, p.32)

Fazendo funcionar a noção de “khrásis”– a doce aquiescência da mulher ao marido–Plutarco sublinha a reciprocidade do consentimento ao prazer como um elemento essencial nos *aphrodisia*; ele mostra que uma semelhante reciprocidade no prazer só pode existir entre um homem e uma mulher, na relação conjugal, na qual ela serve para renovar regularmente o pacto do casamento.

Segundo Foucault (2015), no *Diálogo* de Plutarco há um nítido esforço para se construir uma Erótica unitária, funcionando prioritariamente no modelo de relação homem-mulher ou marido-esposa. O objetivo final seria mostrar que

A partir da erótica dualista atravessada pela questão do verdadeiro e do simulacro, e destinada a fundamentar essencialmente o amor pelos rapazes, mas à custa da elisão dos *aphrodisia*, vemos constituir-se em Plutarco uma nova estilística do amor: ela é monista, na medida em que inclui os *afrodisia*, mas faz dessa inclusão um critério que lhe possibilita reter apenas o amor conjugal, e excluir as relações com os rapazes, por causa de falta que as marca: elas não podem mais ter lugar nessa grande, única e integrativa cadeia onde o amor se vivifica na reciprocidade do prazer.

Face a essas explanações, passaremos a nos concentrar no acontecimento do amor de Ismenodora que, ao contribuir para a formulação de uma erótica que se difere das práticas até então fortalecidas na civilização grega,



permite-nos pensar no papel da mulher, notadamente no fato de ela ser alvo de rejeição e motivo de escárnio por ser mais velha.

ATUALIDADES DO AMOR DE ISMENODORA

Atentos às regularidades e aos deslocamentos discursivos, a partir do *Diálogo sobre o amor*, de Plutarco, lido e comentado por Foucault na aula do dia 04 de março, mais precisamente as reflexões desenvolvidas sob o signo do casamento, interessa-nos os modos de subjetivação do ser mulher em nossa cultura, focalizando o conjunto de regras de produção da verdade que nos remetem arqueologicamente à formação dos saberes sobre o sujeito e, genealogicamente, aos sistemas de poder que visam, desde a noite dos tempos, controlar e disciplinar seu corpo. Assim, a partir de um exercício teórico-analítico que entrelaça a *Minha história das mulheres* (PERROT, 2007), e os pressupostos arqueogenológicos do *Estudos Discursivos Foucaultianos*, passaremos a dar visibilidade a conhecimentos que passam por verdadeiros e implicam formas atuais de subjetividade. Focalizaremos especificamente o corpo tomado objeto do discurso, ou seja, não se trata da matéria física e anatômica, com paixões e humores, mas do corpo na história, constituído de matéria significativa (re)produtora de sentidos.

Nas figuras abaixo, há dois acontecimentos discursivos entrelaçados por um questionável senso de humor. Ambos, de certo modo, pretendem provocar o riso valendo-se, tal como vimos em *Diálogo do amor*, da comédia e de verdade sobre a diferença entre os sexos que se impôs, no fio da história, como uma importante condição de emergência de discursos que instalaram o corpo, especialmente o da mulher, de



maneira imediata e específica, no centro das relações de poder. Das verdades às subjetividades, das possibilidades às obrigações de o sujeito reconhecer, a propósito de si mesmo, algo que passa por verdadeiro (FOUCAULT, 2019), sobressaem-se discursos sobre o corpo da mulher que “independentemente de seu valor universal de verdade, funcionam, circulam, têm o peso da verdade e são aceitos como tais” (FOUCAULT, 2016, p. 12) atingindo-nos na atualidade mediante práticas sexistas saturadas de discriminações e preconceito etário.

Não se trata, obviamente, de comparações entre mulheres a partir do texto de Plutarco, o que seria tão irrelevante quanto infrutífero; trata-se, antes, de compreender o funcionamento discursivo de sequências enunciativas que, ao se referirem à diferença de idade, entram em contato com a narrativa do amor de Ismenodora precisamente no ponto em que os discursos colidem com os universos contínuos e contraditórios do feminino e do masculino. Colisão dada a ler em situação de comédia, no texto grego, e a ler/ver na forma de humor/piada nos textos atuais da mídia. Tomado em seu conjunto, ao tempo em visam provocar o riso, provocam sobretudo a atualização de antigas práticas que enraizaram as mulheres no território de seus corpos jovens, presos no interior de poderes muito apertados, impondo-lhes verdades e subjetividades; extensivamente, impondo-lhes condutas, limitações, proibições, lugares, exclusões e obrigações.



Figura 1: A capa do jornal francês *Charlie Hebdo*, (maio, 2017)

Fonte: <https://www.rfi.fr/br/franca/20170510-charlie-hebdo-causa-polemica-com-desenho-de-brigitte-macron-gravida>.



Figura 2: Post do Facebook (Agosto, 2019)

Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/27/veja-as-frases-que-marcaram-a-elevacao-de-tensao-entre-bolsonaro-e-macron.ghtml>



As condições sócio-históricas de existência das figuras acima são bastante conhecidas e dizem respeito à emergência, no cenário político francês, do casal que protagoniza uma história de amor na atualidade: Emmanuel e Brigitte Macron. Essa história é narrativizada no jornal *El País*, em uma reportagem que faz referência ao livro de Gaël Tchakaloff intitulado *Tant Qu'on Est Tous les Deux* (“Enquanto nós dois estivermos juntos”):

Ele tinha 16 anos e era um estudante exemplar na Providence, a escola dos jesuítas da cidade provinciana de Amiens, no norte da França; ela, filha de uma família burguesa, era sua professora



de teatro, tinha 40 anos e estava casada com um banqueiro com quem teve três filhos (hoje o presidente tem 43 anos; sua esposa, 68). Como em todo bom romance do século XIX (ou como em uma canção romântica ruim), ambos lutaram contra o preconceito de suas famílias e as convenções sociais, partiram de Amiens para conquistar Paris, superaram boatos e maledicências e continuam aí, de mãos dadas no topo da França. Brigitte resume no livro: “Tivemos muita sorte de nos encontrar, nossa união ocorreu já no primeiro dia, como se fosse um sinal. As pessoas não entendem, porque a sociedade é individualista, mas o parceiro não quebra a individualidade: ele a reforça e respeita”. E acrescenta: “Casais com nossa história, nosso trajeto, tudo pelo que passamos... Sim, talvez não existam muitos” (BASSETS, 2021, p.1).

“As pessoas não entendem”. De fato, a grande falta de entendimento a que se refere Brigitte Macron ancora-se na história de nossa moral, nos códigos e sistemas de proibições muito antigos, como sublinhados na obra de Plutarco (2015) analisada por Foucault (2016), e que são espantosamente estáveis, contínuos, lentos em se mover, alimentando na contemporaneidade discursos saturados de sentidos etaristas² como os que balizam as discursividades das figuras¹ e 2.

Na figura 1, vemos uma charge do hebdomadário francês *Charlie Hebdo*, um jornal que, desde 1970, é conhecido mundialmente por sua irreverência em publicações de caricaturas políticas e ilustrações que vão do humor ácido à crítica social. O editorial se auto define como libertário

² Etarista remete ao que hoje se reconhece como *ageism* (etarismo em português), termo cunhado pelo gerontologista Robert Neil Butler, primeiro diretor da *National Institute on Aging*, para designar a discriminação contra os idosos. Na esteira de sexismo e racismo, Butler definiu “idade etária” como uma combinação de três elementos conectados. Entre eles, atitudes preconceituosas em relação aos idosos, à velhice e ao processo de envelhecimento; práticas discriminatórias contra idosos; e práticas e políticas institucionais que perpetuam estereótipos sobre os idosos. Além disso, suas pesquisas demonstraram que a senilidade (envelhecimento acelerado pelas doenças) não está obrigatoriamente associada ao processo de envelhecer



anarquista e crítica, via sátira, diferentes instituições como o catolicismo conservador e o fundamentalismo islâmico. Em janeiro de 2015, sofreu um atentado terrorista no qual 12 pessoas morreram, tragédia que provocou uma onda internacional de reações em defesa da liberdade de imprensa reverberada no enunciado “*Je suis Charlie*” (*Eu sou Charlie*).

Na esteira de suas publicações polêmicas se inscreve a Figura 1, publicada em maio de 2017, na primeira página do jornal, em referência direta ao presidente da França e sua esposa. Ao representar o casal destacando a primeira-dama grávida, seguidado enunciado verbal “*Il vafaire des miracles*” (Ele fará milagres), essa publicação dá relevo a padrões de comportamentos presentes no *Diálogo do amor*: a idade e o tempo mais adequados para o casamento ocorrem quando se está em condições de gerar e procriar (PLUTARCO, 2015). Concorre na produção de sentidos o significado denotativo de “milagre”, com efeitos messiânicos, ao apontar ironicamente para o fato de o sujeito - ele - ser capaz de fazer algo impossível, fora do comum, inexplicável pelas leis naturais. Esse retorno ao passado para provocar o riso no presente, repetindo clássicas formulações sexistas, alertar-nos sobre as verdades que, ainda hoje, incidem sobre o corpo da mulher, fazendo como que cada um de nós – homens e mulheres - observe-se, conheça-se, eduque-se e domine-se, mediante estratégias de controle em que o conhecimento e o domínio de si figuram como imperativos constantemente rememorados.

A Figura 2, por sua vez, é um *post* viralizado do *Facebook* cuja emergência se deu em 2019 em meio a uma série de desavenças protagonizadas pelos



presidentes da França e do Brasil³, deflagrando desconfortos diplomáticos entre os dois chefes de estado. Em meio a vários episódios de desafetos entre esses presidentes, o *post* em questão se destacou por não tematizar elementos referentes às questões políticas que alimentavam o debate naquele momento, agosto de 2019 – discutiam, sobretudo, atuação do Brasil para conter o desmatamento e as queimadas na região amazônica, – tampouco aponta a (in) satisfação dos sujeitos em relação aos modos de os presidentes governarem, de se expressarem, de agirem, enfim, de presidirem uma nação. O alvo é a mulher, a esposa, a companheira, seu corpo, este que ao longo da história “concentrou as marcas da inferioridade, da subordinação e da exclusão; foi alvo de inúmeras interpretações e representações; esteve sempre regulado por normas e valores de ordem moral, ética, **estética** e científica” (WITZEL, p. 525, grifo nosso).

Na imagem constituída por duas fotos com o objetivo de comparar os dois casais, segue a sequência enunciativa: “*Entende agora por que o Macron odeia Bolsonaro?*”, ao que o presidente brasileiro comentou: “*Não humilha cara. kkkkkk*”. Face à espessura histórica do discurso em que “humilhar”, reforçado pela onomatopeia da risada “kkkk”, indica, no contexto daquela enunciação, vangloriar-se, rebaixar e desqualificar o outro; para isso, convoca tradicionais valores morais para comparar as mulheres claramente subjetivadas como um capital simbólico que glorifica a virilidade, como se fossem um troféu. Um teria o prêmio; o outro teria o “ódio” em função da inveja.

³ Para um resumo das condições de produção desse *post*, há muitas matérias jornalísticas disponíveis na internet como esta intitulada “*Bolsonaro e Macron: entenda como começou a crise entre os presidentes*” – Depois de tornar a Amazônia pauta do G7, o presidente francês foi chamado de idiota, cretino e até sua mulher virou alvo”. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/08/26/interna_politica,1080030/bolsonaro-e-macron-como-comecou-a-crise-entre-os-dois-presidentes.shtml. Acesso em fev. 2022.



Sob a ótica arqueológica, entende-se que todo enunciado possui margens povoadas de outros enunciados e que todo discurso é inevitavelmente tecido pelo discurso do outro, toda palavra é sempre perpassada pela palavra do outro. Alteridade que se dá ora voluntariamente, ora inconscientemente; ora reproduzida, ora transformada. Com efeito, as duas sequências enunciativas – (SE1) “*Il vafairedesmiracles*” (Ele fará milagres) e (SE2) “*Não humilha cara. kkkkkk*” – retomam interdiscursivamente um sem-número de outros discursos quase imemoriais que entendem que ser mulher é ser sempre jovem, inscrevendo-se em uma rede de memórias tramada por poderes e saberes patriarcais. De milagres às humilhações, reproduzem-se verdades perenes que balizam os julgamentos sobre a idade/aparência/beleza da mulher.

Em que pesem os limites que beiram a ordem dos discursos das figuras, deles ressoam nitidamente as verdades fundamentadas na premissa de que a mulher é, antes de tudo, “uma imagem, um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências” (PERROT, 2017, p.49-50). Está em funcionamento nessas narrativas verdades historicamente forjadas sobre o ser mulher no casamento, notadamente a diferença de idade entre os cônjuges orientada nos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o sujeito homem e o sujeito mulher se constituem como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado (a).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida da mulher dura pouco: a menopausa, tão secreta quanto a puberdade, marca o final da vida fértil, e, por conseguinte, o término da feminilidade segundo as concepções do século XIX: “eu que não sou mais uma mulher”, diz George Sand. Não ver mais seu sangue, é sair do campo da maternidade, da sexualidade e da sedução (PERROT, 2013, p. 48)



Para concluir as reflexões deste estudo, valemo-nos das palavras de Michelle Perrot para reiterar pontos destacados ao longo deste estudo, mais precisamente o fato de que existe uma história política do corpo constituída por disciplinas e regulamentações de ordem moral e ética. Relativamente à idade madura da mulher, emergem formas de enunciação, técnicas de poder e modos de subjetivação que afetam e desenham seu corpo revitalizando verdades muito antigas, como as que ridicularizavam e provocavam o riso em torno do acontecimento discursivo de Ismenodora.

Essa mulher atuou como protagonista no impasse instaurado no Diálogos do amor, de Plutarco, marcado fundamentalmente pela possibilidade de existência de dois amores distintos e opostos, cujas conclusões, segundo Foucault (2016) são muito perversas. Ao estabelecer a corrente única do amor como regra, Plutarco retira o amor por rapazes. No fluxo do diálogo que termina por definir essa corrente, Ismenodora é caracterizada como uma mulher pederasta por apresentar os principais traços para esse fim: “a diferença de idade, o mérito reconhecido, o interesse pelas qualidades morais e pela boa reputação do amado, a iniciativa da perseguição, a violência da inspiração divina” (FOUCAULT, 1985, p.196).

O que destacamos no diálogo é o efeito comédia desencadeado a partir da diferença de idade entre Bácon e Ismenodora que atravessou o tempo, os espaços, as culturas e as múltiplas reinvenções do sujeito mulher, para serem reverberados em discursos da atualidade. No retorno ao arquivo da memória desses discursos, há nítidos preceitos que retomam códigos e sistemas de proibições segundo as verdades que definiram o casamento, as relações entre homens e mulheres. Desestabilizar as certezas desses



discursos, vai ao encontro de práticas de liberdade pensadas como uma vida ética de constituição de si e do mundo; isso porque, para Foucault (2016), é possível sermos diferentes do que somos.

REFERÊNCIAS

BASSETS, M. **A história (ou canção) de amor de Brigitte e Emmanuel Macron**. Paris: El país, 08/11/2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-11-08/a-historia-ou-cancao-de-amor-de-brigitte-e-emmanuel-macron.html>. Acesso em fev. 2022.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade, 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **Subjetividade e Verdade: curso no Collège de France (1980-1981)**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, M. Subjetividade e Verdade. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Michel Foucault – Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Ditos e Escritos X. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. pp. 349-355.

PLUTARCO. **Diálogo do amor**. Apresentação, tradução e notas: Maria Aparecida Oliveira. SP: Martin Claret, 2015.

PLUTARCO. **Obras Morais: Diálogo sobre o Amor. Relatos de Amor**. Imprensa da Universidade de Coimbra – Annablume, 2009. Disponível https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/2409/11/sobre_o_amor.pdf?ln=pt-pt. Acesso em fev. 2022.



VEYNE, P. Le dernier Foucault et sa morale. **Critique**, n°. 471-472, août-septembre 1986.

WITZEL, Denise Gabriel. Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitários. **Alfa**, São Paulo, 58 (3): 525-539, 2014.

